

**“ATÉ DEPOIS DE EU SAIR DE CENA”:
MEMÓRIAS DE MARCOS WILLSON**

"Until after i leave the scene":

Memories of Mark Willson

Daniel Soares Simões*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6679842968558041>

Durante as comemorações dos setenta anos do Seminário Batista do Cariri, em 2016, resolvemos preparar um documentário no qual a história da instituição seria contada a partir de depoimentos de diversas pessoas que dela participaram. Entre elas estava o Pr. Marcos Willson, na época membro do corpo docente.

A biblioteca do Seminário serviu de locação. Enquanto nos preparávamos para iniciar as gravações, o Pr. Marcos conferia algumas anotações que fizera para a ocasião. Em seu depoimento, ele falou sobre seu tio Jim e seu pai Tomé, ambos pioneiros da instituição, bem como da sua própria relação com o Seminário, além de apontar algumas perspectivas para o futuro.

Passados cinco anos, e já após a sua partida, rever o depoimento do Pr. Marcos, que aqui transcrevemos, reforça a convicção de que tivemos entre nós um grande servo de Deus, que marcou profundamente a vida de todos os que ele evangelizou, ensinou e pastoreou.

* Formado em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri (SBC). Licenciado e Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor do Seminário Batista do Cariri e da Faculdade Batista do Cariri (FBC).

“Bem, primeiro eu quero falar do meu tio, Jim Reay Willson, dando alguns dados biográficos. Ele nasceu no dia 10 de abril em 1915, no Canadá. Chegou aqui no Brasil, solteiro, em 1941, e no próximo ano casou com Florence Anne Sutter, em Fortaleza.

A princípio seu trabalho foi em Missão Velha, mas em 1946 eles se mudaram para Juazeiro do Norte para trabalhar com o Instituto Bíblico Batista. Eu sei que ele também foi presidente do concílio de organização da Primeira Igreja Batista do Crato.

Naqueles primeiros anos, ele trabalhou para estabelecer um relacionamento com os alunos e os obreiros a fim de levá-los a crescerem e trabalharem. Ele foi totalmente contra a ideia de os missionários estarem sempre controlando a situação. Trabalharam e deram responsabilidades logo aos alunos, que ao se formarem foram assumindo igrejas e se tornando colegas dos missionários norte-americanos.

Em 1964, houve um certo conflito de filosofia de ação, de trabalho, e o meu tio, e os meus pais também, saíram do Brasil. Nesse tempo, Jim e Florence trabalharam num seminário na Jamaica. Em 1976, eles voltaram ao Brasil, trabalharam em Juazeiro e em Fortaleza, saindo em 1978, mais ou menos.

Ele então foi para o sul da Califórnia, perto do filho deles, e trabalhou na fundação de uma igreja naquela região. E foi ali onde ele faleceu no dia 9 de abril, um dia antes do seu septuagésimo aniversário.

A minha tia Florence recebeu algumas cartas de colegas aqui no Brasil. Gostaria de ler trechos de duas que ela leu no culto de funeral dele. ‘Que marca ele deixou em tantas vidas aqui no Brasil. Como Abel, mesmo depois de morto, ainda fala. Que testemunho brilhante, que servo incansável, completamente dedicado ao Senhor era Jim. Como iremos sentir falta dele!’. E outro: ‘Jim sempre me animava. E a comunhão pessoal no ministério sempre me dará ânimo. Sei que há o mesmo sentimento numa multidão de amigos brasileiros’.

Ele foi pioneiro. O jeito dele era de trabalhar, de levar o trabalho para frente. Era muito comandante. Era o estilo dele. O meu pai tinha um jeito bem diferente. Ele era muito mais de trabalhar com a equipe e também muito mais voltado para a parte acadêmica.

Meu pai chegou em 1948. A minha mãe havia chegado no ano anterior. Eles casaram em 1949. Naqueles primeiros anos houve muitos casamentos entre os missionários.

Em 1953, o ano em que eu nasci, meus pais assumiram o dormitório masculino e também a escola preparatória. Isso foi no local onde hoje está o Colégio Batista, em Juazeiro do Norte.

Ele foi professor de muitas matérias. Meu tio era uma pessoa muito prática, e esse foi o ponto forte dele. O meu pai, sim, tinha a praticidade, mas ele prezava muito pelo estudo. Ele trabalhou bastante para que o preparo dos alunos fosse muito bom na área de Bíblia e na área de teologia. Estava sempre reforçando essa parte. O currículo deve ter sido desenvolvido pelo corpo docente, mas acho que ele teve grande influência na escolha de matérias.

Em 1964, nós saímos. Meu pai pastoreou uma igreja em Chicago durante oito anos e meio. Mas Deus também trouxe de volta. Realmente seus corações estavam aqui no Brasil. Li numa carta dos meus pais aos parentes deles quando retornaram ao Brasil, em 1973, um comentário que fizeram: ‘Ah, parece que estamos em casa agora’.

Meu pai investiu muito tempo na vida dos alunos, tanto como diretor do dormitório masculino como professor e como parte da administração. Quando eles voltaram, meu pai era o diretor do Seminário. Isso durante cinco anos. Foram cinco anos propositais, em que ele iria preparar o Seminário para ter o seu primeiro diretor brasileiro, que seria o pastor David de Lima Gino. Quando isso aconteceu, meu pai assumiu a função de deão acadêmico e continuou a trabalhar.

Eles permaneceram até 1990. Foi o último ano deles. Eles foram para os Estados Unidos, aposentando-se em 1991. A primeira parte da vida deles ali foi numa comunidade de missionários aposentados, onde ele foi muito ativo, ensinando e pregando.

Depois do AVC da minha mãe, ficou impossível eles continuarem ali. Não podiam mais viver sozinhos. Então eles se mudaram para outro estado. Meu pai está sendo cuidado por minhas duas irmãs, e a minha mãe faleceu em 2009.

Eu me criei aqui no Brasil. Foi interessante ler alguns dos trechos das cartas que eles escreveram a respeito de mim, entre meus irmãos, minhas atividades e trapalhadas. Essa criação em Juazeiro e em Fortaleza, na Escola Americana, foi muito importante para mim. Para começar, me criei falando as duas línguas, e eu comparava: ‘O inglês fala desse jeito, mas o português diz assim’.

Na minha adolescência, eu estava nos Estados Unidos e já estava na universidade quando meus pais voltaram ao Brasil. Porém, o Senhor tinha trabalhado em meu coração

para vir para o Brasil. Quer dizer, o Brasil era o local lógico para mim, porque foi onde me criei, e foi a primeira porta que iria tentar e ver se Deus abriria.

Isso aconteceu em 1976, quando vim fazer um estágio missionário. Foi na época do pastor Irineu, pastor Francisco Carlos e pastor Douglas. Foi muito bom estar aqui dando um módulo de Estudo Bíblico Indutivo.

Meu português cresceu bastante. Eu tinha passado doze anos fora e nem sabia se iria poder me comunicar, porque lá nos Estados Unidos não estava conseguindo produzir aquilo que queria dizer em português. Mas quando cheguei aqui, voltei ao ambiente, isso acessou aquela seção do meu “HD”, e o português chegou assim como uma onda, um tsunami. Porém era o português de um garoto de onze anos de idade. Eu tive que aprender bastante e aumentar meu vocabulário. Mas foi boa aquela experiência, e Deus confirmou que esse era o local para mim.

Eu voltei outra vez, dando uma matéria de Hebraico II, na época do pastor Almir e do pastor José Nogueira. Os outros dois que estiveram naquela aula foram o pastor Pedro Evaristo e o pastor Júlio Pinto. Isso também foi outro grande estímulo para o meu português, e também me animou no processo de levantar o sustento, o que não é coisa fácil, pelo menos para mim.

Em dois anos, Deus nos trouxe de volta, agora com a família. Naqueles primeiros anos, a minha ideia era ensinar Antigo Testamento e ficar quietinho no meu canto. Mas Deus não deixou isso acontecer. Meu pai já estava chegando à época de se aposentar. Ele era deão acadêmico e precisava de outro para assumir o lugar dele. Eu fui o escolhido. Não que eu quisesse, mas Deus me colocou naquela posição e então fui trabalhar.

Uma das coisas que fiz foi logo colocar os arquivos em forma digital, em um banco de dados que fui elaborando durante vários anos e passou por vários processos.

Ao mesmo tempo, estava dando aulas na área do Antigo Testamento e com alguns alunos querendo fazer hebraico, mas sempre com aquela dificuldade para perseverar.

Outra coisa em que eu me animei bastante foram as aulas de Bíblia. Eu dizia sempre que me sentia, e ainda me sinto, muito privilegiado, porque o trabalho, o meu emprego, é ensinar Bíblia. Que coisa melhor do que isso pode ter?

Exerci várias outras funções. Fui deão dos alunos solteiros durante um período de tempo. A gente até morou aqui no campus do Seminário. Atualmente sou assessor do deão acadêmico do Seminário e trabalho ensinando, dando as minhas aulas.

Perspectiva para o futuro. Eu diria duas coisas. Acredito que o Seminário do Cariri é um referencial em nosso movimento batista regular e também entre outras igrejas batistas independentes e algumas da Convenção até. Também temos tido bastante influência entre as Igrejas Bíblicas, porque há vários [ex-alunos] que estão ensinando no seminário em Fortaleza, o SIBIMA.

Quero que isso aconteça: não que o Cariri seja sempre o mais importante, mas que seja referencial em qualidade. Se a quantidade vier junto, tudo bem. Mas o que acho importante é que ele seja o referencial de lugar para preparar obreiros, formando aqueles obreiros para serem dedicados, para cumprir a missão que nós colocamos.

O Seminário prepara obreiros que podem ser professores. Isso tem sido um ponto forte no nosso Seminário. Que isso continue.

Além disso, o Seminário tem sido muito engajado no trabalho de implantação de igrejas, de pregação do Evangelho. Que isso continue.

Com o estabelecimento da Faculdade, sempre há o perigo de mudar o foco para o academicismo. O academicismo é necessário em parte, mas só em parte. Há o restante, e isso tem que ser trabalhado constantemente.

Peço a Deus que Ele continue a trabalhar nos obreiros que estarão levando o trabalho adiante no futuro, até depois de eu sair de cena, que continuem nesse trabalho. Amém!”